Zona de interrupções

Aqui adentramos territórios. O termo zona de interrupções por si só já indica perigo, conflito, um estado de alerta.

No espaço expositivo, caminhamos da mesma forma que a linha da artista, Vera Souto, quando essa avança sobre a pintura. Corpos e posturas atravessados. Olhamos pra direita, pra cima, pro lado. Ângulos agudos, bruscos, nosso corpo quase performa uma dança. Ritmo cortado. Tudo está em alerta.

As obras nos encontram no espaço. Chegam na velocidade, na sua potência total, sem nos dar a chance de fingir que não vimos. Passarmos despercebidos é difícil. A Vera não é artista que permite indiferença ou passividade nossa.

Reconhecemos rapidamente as cores, na sua maioria, preto e primárias, secundárias. Associamos a paleta e sua oleosidade à nossa infância com giz de cera, porém nos planos que ocupam aqui, dentro dessas geometrias, mapas de papel, elas já vêm pro ataque. Nesse formato, vivas e intensas, saturadas e táteis, as cores iniciam um confronto.

Entre cores e linhas, um movimento se desestabiliza.

A linha que cruza os campos de cor é evidenciada, justamente, pela destacada presença em relação ao fundo. Causa interrupções que atropelam. Desfaz a paz de uma paisagem abstrata que talvez estivesse começando lentamente a se formar. Formas e linhas parecem representar dois tempos distintos, embora os traços tenham vigor igual, sugerindo o contrário. Além disso, a linha se mostra sedutora, liderando, conduzindo nosso olhar. Porém, traiçoeira, também nos induzindo a fugir.

Num segundo olhar, a linha, mais assentada, inicia, dentro de um território agora compartilhado, uma sugestão de cadências montanhosas, antes inexistentes, formando assim novas paisagens.

Na profundidade das imagens, percebemos asperezas, materialidades, gordura. Vemos sons, cacofonias, arte sonora abstrata remanescente dos movimentos vanguardistas do início do século XX, que, de alguma forma, neste caso, confluem a uma harmonia, somente existente por conta do manejo da artista. Quem regula todas as batalhas é a Vera. Vera dirige o circo, lida com as necessidades e clamores de cada material.

O processo e sua energia são completamente visíveis. O desgaste do material no contato com o papel mimetiza o embate entre o corpo físico da artista e sua necessidade interna de berrar. Esse despejo (de material?) é generoso, mandão, descontrolado, exagerado. Vemos o propulsar de braços, cotovelos e mãos se entendendo com a vastidão do papel. Para Vera, o papel é um horizonte a ser cruzado.

A liberação da expressão da artista abraça traços de identidade gigantes e gestuais. São pinturas que se mexem extensivamente, que continuam, mesmo após terem sido dadas como prontas. Têm uma energia própria e trazem uma insistência da matéria em querer mais. Talvez sejamos como elas nos nossos processos e expectativas. Somos seres mutantes, em crescimento, incontíveis. Talvez, como nós, essas pinturas continuem após termos apagado a luz. E aí, no caso, quem as segura? Onde nosso olhar se fixa? Quem nos harmoniza?